

BROSETA

PERGUNTA



INÊS HOMEM CUNHA

Presidente do Conselho Directivo |
Hot Clube de Portugal



BROSETA - PORTUGAL,
SOCIEDADE DE ADVOGADOS, SP RL

É certo e sabido que o setor da Cultura foi dos mais afetados pela pandemia do novo coronavírus, que já dura há dois anos. Ao longo dos últimos 24 meses, como é que o HCP, que além de um clube também tem uma prestigiada escola de música jazz, enfrentou todas as dificuldades e obstáculos lançados por esta grave crise?

Todas as crises têm duas faces: a das dificuldades que se nos deparam (no nosso caso o cancelamento e/ou adiamento de espectáculos e projectos) e a das oportunidades de reinvenção face às condicionantes. Em todas as áreas da cultura nacional houve uma extraordinária capacidade de adaptação, um espaço para introspecção que produziu e ainda está a produzir resultados surpreendentes.

No caso do Hot Clube a nossa massa associativa continuou a pagar as suas quotas e um esforço enorme de adaptação fez com que nunca tenhamos desistido das actividades, no Clube e na Escola. Este facto, aliado a alguns apoios estatais, permitiu que a actividade do Clube se mantivesse regular ainda que sem público, (apostando, embora sem nenhum retorno financeiro, nas transmissões online), e que os alunos se mantivessem motivados e envolvidos nas aprendizagens.

Fundamental é perceber como é que músicos, técnicos, e outros profissionais nesta área, com situações, em geral frágeis, recuperam financeira e emocionalmente de uma crise que lhes retirou a possibilidade de trabalharem, e cujo fim ainda não é certo.

Temos um novo governo eleito que em breve iniciará funções, num quadro de estabilidade política. Considera que há condições para dar início a um novo ciclo na Cultura portuguesa? É agora ou nunca?

A questão da cultura em Portugal prende-se com uma noção que está generalizada e que remete a cultura para a esfera do supérfluo, ou no mínimo do marginal. A música, a literatura, a pintura, a dança continuam a não ser consideradas numa perspetiva de educação global, de formação de seres humanos mais ricos, mais capazes de liderarem uma sociedade justa e solidária. São disciplinas acessórias, sempre encaradas como menos relevantes. Esta é, na minha opinião, a mudança que é preciso empreender. Mais do que contestar um orçamento, no mínimo ridículo, para a área da Cultura, parece-me fundamental encarar a Cultura como uma questão de educação. Tenho poucas esperanças que este governo partilhe a minha visão mas prefiro acreditar que esta é uma mudança inevitável, e que aos poucos se tornará evidente a sua urgência.

O que é preciso para Portugal libertar o potencial de talento das suas indústrias culturais e criativas? Somos um país culturalmente periférico no contexto europeu? Como seremos capazes de exportar a cultura e o talento que produzimos? E de atrair criadores internacionais a virem conceber e produzir em Portugal?

Portugal produz artistas extraordinários que infelizmente têm muita dificuldade em mostrar o que fazem além-fronteiras. Esta dificuldade não reside só na questão óbvia da geografia, mas na falta de uma política concertada na área da cultura. Só uma mobilização generalizada, global, de estruturas com alcance estratégico, com políticas de intercâmbio de estudantes, bolsas de estudo e investigação, programas de apoio à criação e circulação de artistas, à criação de novos públicos, residências artísticas, e dinamização do Mecenato cultural com muito pouca tradição no nosso país, poderá obter resultados.

O Hot Clube acarinha há alguns anos o projecto da Casa do Jazz, que reunirá todas estas vertentes num pólo vivo à volta da linguagem jazzística. Este projecto seria fundamental para criar uma corrente criativa e de divulgação do jazz feito na Europa e contribuir para a anulação desses efeitos da nossa localização periférica. Não sendo uma linguagem musical oriunda deste continente, o jazz feito na Europa tem hoje em dia uma expressão e uma identidade próprias, muito significativas, mesmo aos olhos das instituições do seu país de origem.

Assim a autarquia, as instituições europeias e os mecenas culturais percebam a sua relevância e considerem fundamental apoiar esta iniciativa.

